

PESQUISA DOCUMENTAL: DIÁLOGOS E CAMINHOS ATRAVÉS DA HISTÓRIA CULTURAL

MANUELA CICONETTO BERNARDI¹



Resumo

O artigo busca contribuir com o debate das investigações documentais sob a ótica da História Cultural. O levantamento teórico-metodológico tem como base autores da História Cultural, como Burke (1992, 2008), Chartier (1990, 1991, 2001), Certeau (1982), Febvre (1989), Le Goff (1990a, 1990b) e demais pesquisadores que dialogam com a temática. Ao longo do trabalho, é realizada a conceituação e importância dos documentos, o desenvolvimento da História Cultural, discussão sobre os elementos que emergem nas pesquisas para, por fim, elencar os possíveis caminhos ao realizar a investigação. As discussões mostram que o pesquisador deve cuidar ao selecionar e coletar as fontes, realizando uma busca ampla e focada, levando em conta a seletividade, organização dos documentos, o abandono da veracidade documental, com uma pesquisa que possa elencar as várias perspectivas, problematizando o *corpus* e tendo ciência da atuação mediadora que fará. Elementos que darão suporte para a validação científica da pesquisa documental através da História Cultural.

Palavras-chave: História. História Cultural. Pesquisa documental.

Abstract

The article seeks to contribute to the debate on documentary investigations from the perspective of Cultural History. The theoretical-methodological survey is based on authors from Cultural History, such as Burke (1992, 2008), Chartier (1990, 1991, 2001), Certeau (1982), Febvre (1989), Le Goff (1990a, 1990b) and other researchers that dialogue with the theme. Throughout the work, the conceptualization and importance of documents is carried out, the development of Cultural History, discussion of the elements that emerge in the research to, finally, list the possible paths when carrying out the investigation. The discussions show that the researcher must be careful when selecting and collecting the sources, carrying out a broad and focused search, taking into account the selectivity, organization of the documents, the abandonment of the documentary veracity, with a research that can list the various perspectives, problematizing the corpus and being aware of the mediating performance it will perform. Elements that will support the scientific validation of documentary research through Cultural History.

Keywords: History. Cultural History. Documentary research.

Considerações iniciais

A História Cultural, abordagem do campo da História, teve o campo historiográfico revisto nas últimas décadas, com fontes ampliadas aos interessados por

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação de Caxias do Sul (UCS) e bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: mcbernardi1@ucs.br.



esta forma de investigação, que emergiu de diversas áreas (BURKE, 1992), tanto a nível de Graduação como de Pós-Graduação, apoiados, em partes, pelas Linhas de Pesquisa. Uma das possibilidades de investigação é a utilização de fontes documentais e seu diálogo com a História Cultural abre diversas possibilidades e olhares ao pesquisador.

O objetivo deste estudo é discutir a investigação documental sob a perspectiva da História Cultural, justificado em virtude das possibilidades que os documentos oferecem, além disso, a ênfase de discussão se situa na maneira como o pesquisador se põe diante das fontes documentais. Em se tratando do aporte teórico-metodológico, o estudo é desenvolvido por meio de bibliografias², objetivando a coleta de informações para a discussão da temática proposta, sendo apoiada pelos autores³ da História Cultural, como Burke (1992, 2008), Chartier (1990, 1991, 2001), Certeau (1982), Febvre (1989), Le Goff (1990a, 1990b) e demais interessados em investigações documentais e/ou na História Cultural que produziram diálogos profícuos para a temática.

Por conseguinte, o estudo inicia-se na discussão conceitual de documento e na sua importância, sob o ponto de vista da documentação, léxico da língua portuguesa e arquivologia. Na sequência, é tratado o desenvolvimento da História Cultural e como é realizada a investigação pelos pesquisadores atualmente para, em seguida, pensar no documento sob esta perspectiva e quais elementos emergem desta ótica, tais como as possibilidades de investigações advindas da tecnologia, o trabalho na seleção e organização das fontes, o olhar do pesquisador sob elas, o confronto e o diálogo entre as diferentes fontes, como se dá a análise dos documentos e atuação do investigador na pesquisa.

As discussões realizadas levam, ao fim do estudo em que são elencadas, os possíveis caminhos ao pesquisador na investigação documental, sendo que a pesquisa deve ser realizada através da seleção de fontes com vistas à resolução do problema de

² A seleção dos autores que embasam este trabalho ocorreu por dois motivos: pensando nos que contribuíram com a mudança do discurso historiográfico para a investigação documental e por eles serem constantemente referenciados quando a temática se trata da História Cultural. Apesar disso, a seleção não esgota as fontes e não visa uma revisão exaustiva da literatura, tendo em vista a necessidade de recorte para a discussão, o mesmo foi realizado com a ciência de que muito já escrito e desenvolvido, tanto no que concerne à pesquisa documental quanto à História Cultural mas que a questão da investigação documental sob a ótica da História Cultural ainda apresenta lacunas, como é o caso da maneira do pesquisador se pôr diante das fontes documentais, fator que possibilita e justifica a existência desse estudo.

³ A recuperação das obras foi realizada através da verificação de trabalhos (periódicos, dissertações e teses) que utilizam a abordagem da História Cultural. Desta verificação conforme já citado, foram priorizados autores referenciais.



pesquisa, com uma busca ampla e ao mesmo tempo focada, levando em conta a seletividade dos documentos, cuidado na organização do *corpus* selecionado, elencando, na produção do trabalho, as inúmeras facetas do objeto, sendo necessário o abandono da veracidade e supremacia documental, além de uma pesquisa que possa incluir o objeto sob diferentes perspectivas, sem esquecer, ao longo do trajeto de pesquisa, de problematizar os documentos e, por fim, o pesquisador deve ter ciência da sua atuação mediadora. Elementos que são considerados como suportes para a validação do conhecimento científico em uma pesquisa documental que utiliza a História Cultural.

A pesquisa documental em diálogo com a História Cultural

Tendo como ponto central a investigação documental, pensa-se, inicialmente, no conceito de documento, que para Cellard (2008, p. 296) “representa em si um desafio”. Sob a ótica da documentação, ainda na década de 1930, para o autor Otlet (2018), um dos precursores do estudo da documentação e ciência da informação, documento era o que retratava por sinais gráficos os objetos, feitos e ideias. A amplitude do termo pode ser percebida quando ele afirma que “as coisas materiais em si (objetos) podem ser consideradas documentos quando se colocam como elementos de estudos ou provas de uma demonstração” (OTLET, 2018, p. 217), desta forma, para ele, tudo o que representasse algo, seria considerado documento.

O que não difere se compararmos ao léxico, já que, de acordo com o dicionário Houaiss e Villar (2001, p. 1069), documento será “[...] qualquer escrito usado para esclarecer determinada coisa; qualquer objeto de valor documental (fotografias, peças, papéis, filmes[...]) que elucide, instrua, prove ou comprove cientificamente algum fato [...]”. Tendo ciência da amplitude conceitual, reflete-se sobre a importância da investigação documental em uma pesquisa científica,

[...] não só porque é com relação a eles [documentos] que o problema das fontes é mais complexo, mas também por que contém informações inestimáveis (muitas vezes inéditas!), necessárias ao cotejo e crítica de informações provenientes de outras fontes e da própria historiografia [...] já produzida. Sem a pesquisa arquivística, essa historiografia, no limite, inexistente. Sucumbe ao risco de girar ao redor de ideias mal esclarecidas e estereótipos cristalizados que se reproduzem em artigos e livros (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 26).

Sob a perspectiva assumida pelas autoras, é possível afirmar que o documento se põe como importante fonte, possuindo informações valiosas, por vezes únicas, também pontuado por Cellard (2008, p. 295), que acrescenta o seu valor à pesquisa histórica



quando afirma que “não é raro que ele [documento] represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas”. Ademais, Nunes e Carvalho (1993) explicam que os documentos devem ser utilizados no confronto com outras fontes, ação que também é explicada por Toledo e Gimenez (2012) como um fator necessário para o embasamento com vistas à produção do conhecimento científico.

Porém, ao tratarem da arquivística como ponto central da investigação, ao relegarem artigos e livros, Nunes e Carvalho (1993), trazem de maneira sutil a possibilidade de discussão da classificação das fontes (primárias, secundárias...) ⁴, também abordadas por Toledo e Gimenez (2012, p. 110), sendo que estes ⁵, a trazem como uma volta “necessária e urgente” às pesquisas históricas, que irá diferir da visão assumida pela História Cultural. A autora Saliba (2009), dialogando com as proposições da História Cultural, alerta que esta discussão é inócua, pois a importância dependeria do ponto de vista de cada pesquisador.

Concordando que, perante a História Cultural, a discussão em relação à classificação seria insignificante, explica-se que independente da mesma não é possível desconsiderar que existem inferências, mas, sob o viés da História Cultural, o pesquisador é que irá selecionar e ver a importância do documento a depender do problema de pesquisa, o que Toledo e Gimenez (2012) também pontuam como um dos fatores para a seleção das fontes, estas inferências poderão inclusive servir para a análise dos documentos de forma crítica.

É possível observar ainda, o documento como suporte da “memória”, o autor Nora (1993) explica que a memória, ao ser registrada, passa a fazer parte da História e que seria a “constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar” (NORA, 1993, p. 15), enfatizando o armazenamento dela por meio do suporte, aqui trabalhados como documentos, porém é necessário ter ciência que são “memórias fragmentadas de um tempo que não conseguiremos jamais tomá-lo em sua totalidade” (LUCHESE, 2014, p. 149), já que são vestígios de uma memória, de um

⁴A classificação de fontes é utilizada em outras áreas como na Biblioteconomia, e tem como função, mostrar a proximidade com a fonte de “origem”, e é justamente neste ponto que entra em confronto com as proposições da História Cultural, que investe na desconstrução da visão da “origem” e vê no que o pesquisador objetiva a coleta das fontes, e assim tende a desconsiderar as classificações previamente postas.

⁵Para a compreensão, Toledo e Gimenez (2012), explicam que as fontes primárias remeteriam à problematização da pesquisa, no caso de documentos, seriam fontes originais que foram arquivadas ou digitalizadas; Já como fontes secundárias, os autores explicam serem produzidas de maneira indireta, e que apesar de importantes, abrem brechas de interpretações.



indivíduo e de um tempo ligado ao contexto e registrado por uma determinada visão, elementos que serão discutidos mais à frente.

Fica evidente, até o momento, a amplitude do conceito de documento e a importância de uma investigação documental para a historiografia, sendo, por vezes, fundamental quando outra fonte não é passível de investigação. Desta forma, ela deve ser debatida constantemente e sob a abordagem da História Cultural relacionada ao movimento realizado pelo pesquisador, tanto ao longo do percurso metodológico como a posição dele diante das fontes investigadas.

Em se tratando da História Cultural, pode-se dizer que a partir da primeira metade do séc. XX emergiu a necessidade de uma visão crítica acerca da veracidade do conhecimento científico (LE GOFF, 1990b), passando pelo movimento realizado pela Escola dos *Annales*⁶, seguido do giro linguístico, que impôs aos pesquisadores questionamentos acerca do fazer historiográfico e o estabelecimento de novos debates e abandono de concepções antes comuns à área, propiciando, posteriormente, o surgimento da chamada “nova” História Cultural.

Se antes uma pesquisa seria construída a partir da descrição dos documentos, agora sob o olhar da “nova” história cultural sua produção se dá através de uma representação histórica, articulada a um lugar social (CERTEAU, 1982), por inúmeros caminhos (CHARTIER, 1990) incluindo a análise do social, do cultural (REVEL, 2009; CERTEAU, 1982), do popular, do que não foi dito (CERTEAU, 1982), do escrito também nas entrelinhas (BURKE, 1992), por meio de representações (CHARTIER, 1991) e de elementos que agora são vistos ou, então, revistos sob outra ótica, isto é, “ressignificando e produzindo novas matizes historiográficas” (LUCHESE, 2014, p. 148), com novos métodos (BURKE, 1992; CERTEAU, 1982; CHARTIER, 2001) e em relação aos documentos, assim como defendido por Febvre, ao longo de *Combates pela História*, há um movimento para a ampliação conceitual, transpondo novas perspectivas para a área.

Saber, mesmo que de forma breve esse processo e ter o período como complexo com a produção de pontos positivos e negativos para a redefinição da própria história, de acordo com Revel (2009), é fundamental para compreender a transição entre a escola historiográfica clássica para a abordagem assumida pela “nova” História Cultural. A expansão e renovação da História Cultural ampliou as possibilidades de pesquisas, essa

⁶ Girou em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch.



transição emergiu de uma história nascida “contra a história positivista do século XIX” (LE GOFF, 1990b, p. 28) e sobre a utilização de documentos. O mesmo autor complementa que “ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos [...]”, mudança que estabelece um diálogo com a conceituação de documentos já explorada do autor Otlet (2018) e do léxico, complementando o autor Cellard (2008, p. 296) sintetiza que “de fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte, como é mais comum dizer, atualmente”.

Diante destas questões, pensando na investigação documental, a história agora não será mais escrita baseada unicamente no que os documentos constam e na “escrita em registros oficiais” (BURKE, 1992, p. 13), mas analisada de forma complexa com todo e qualquer documento, atentando para a produção, guarda, caso seja um documento escrito, a análise da escrita através do questionamento e relações com outras fontes, investigação acerca do autor, do contexto, e mesmo do que não foi escrito (FEBVRE, 1989), além de tantos outros elementos, antes desconsiderados, que irão dialogar para que a produção seja feita no âmbito desta “nova” História Cultural. Ao assumir este tipo de investigação, sob a amplitude do que é e como analisar este documento, atualmente muitos obstáculos se põem à frente do pesquisador que deve realizar a chamada “operação historiográfica”⁷, de forma cautelosa e com apoio teórico-metodológico que a suporte e a valide como conhecimento científico.

Um destes obstáculos é a busca em acervos e bases de dados. É preciso ter ciência que a produção de informações cresce de modo substancial e em uma velocidade constante, já que “nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume [...] [e] meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio” (NORA, 1993, p. 15). O que o autor alerta é a ênfase dada por uma necessidade de existirem vestígios, certamente este acúmulo estaria ligado à preservação do passado e de certa forma de querer salvaguardar a memória.

Atualmente, “o armazenamento de grandes volumes de informação [...] tem facilitado os acessos, usos e cruzamento de informações” (LUCHESE, 2014, p. 151) e a *internet*, com a digitalização, possibilita a recuperação de informações que antes não estavam disponíveis ou que o acesso era difícil (TOLEDO; GIMENEZ, 2012), o que,

⁷ Termo pontuado por Certeau (1982) que a compreende como uma investigação que combina um lugar social, práticas e a escrita.



consequentemente, possibilita a recuperação de forma facilitada e de modo ágil. Apesar de existirem custos devido à guarda e ao acesso, os pontos positivos ao utilizar este recurso se sobressaem, como é o caso da conservação dos documentos, já que os originais não serão manipulados, além da ampliação e democratização de acesso da população. Contudo emerge a questão da limitação do pesquisador pelas bases de dados, condição que o faz crer ter um *corpus* documental satisfatório quando outras e diferentes fontes encontradas dentro e fora da *internet* podem trazer novas perspectivas e olhares sobre a temática investigada. Duas vias que parecem contraditórias, mas não são, ambas devem ser levadas em conta na investigação.

A ida aos acervos, apesar de todas as possibilidades advindas da tecnologia, é destacada por Luchese (2014), como fundamental em algumas pesquisas. Bibliotecas e acervos pessoais também são fontes riquíssimas em informações, mas o processo de consulta e a coleta provenientes desses acervos devem ser respaldados, principalmente, nas instruções advindas da instituição mantenedora ou dos indivíduos que os possuem, no caso de acervos públicos e bibliotecas, geralmente existem políticas que orientam o manuseio, permissão e forma de coleta das informações, cabendo ao pesquisador segui-las, além de, zelar pela preservação dos documentos quando são examinados.

Outro elemento, é a quantidade de informações, já que o excesso pode ser um problema. A disponibilidade de documentos pode levar o pesquisador à coleta de um *corpus* documental extenso demais, o que não se limita às pesquisas que utilizam recursos tecnológicos. O cuidado na quantidade de documentos coletados é fundamental para que o pesquisador se dirija ao problema de pesquisa e às questões que emergem dele, sem desviar o assunto. Na produção *O sabor do Arquivo*, a autora Farge (2009, p. 66) explica que “não há como dispensar informações” na coleta e, apesar dela, utilizar uma abordagem acurada e interdisciplinar sobre as aventuras de pesquisar em arquivos, é necessário cuidado com o recolhimento de todo e qualquer material, pois o pesquisador deve estar atento ao excesso que pode levar a perda de foco, entretanto, o objetivo é a coleta de todas as pistas que tragam informações relevantes (CELLARD, 2008) e que respondam ao problema que o pesquisador se propôs.

Quanto a seletividade documental, é preciso ter ciência de uma seleção prévia dos documentos e que o pesquisador precisa levar em conta a razão de sua permanência no acervo, motivo também sobre o qual inúmeras outras fontes foram descartadas. Também, é preciso levar em conta que a escolha dos documentos que o pesquisador fará, será outra e uma nova seleção, já que ele decide o que irá entrar ou não como



corpus (CHARTIER, 1991; BURKE, 2008). Essas duas perspectivas, levam à síntese que mesmo antes de pesquisar há uma seleção e que irá ocorrer outra pelo pesquisador para, por fim, constituir o *corpus* documental da pesquisa.

Com o *corpus* de pesquisa selecionado, é necessário realizar a organização dos documentos. De acordo com Cellard (2008), o erro dos pesquisadores é a urgência em analisar os documentos sem antes fazer um inventário e uma seleção mais rigorosa, o que, de fato, corrobora para uma pesquisa dispersa. A urgência pontuada por Cellard (2008) requer o oposto, paciência do pesquisador nesta etapa com a leitura e análise de todos os documentos, inventário do que foi coletado, interpretação e reelaboração deles, “precisam ser montados e desmontados e nesse processo emergem categorias de análise” (LUCHESE, 2014, p. 150), por meio de agrupamentos, anotações, esquemas, sínteses ou quaisquer outras formas escolhidas a depender dos pesquisadores que irão apoiar a sua investigação. Estes registros serão a base para o processo de confronto de dados, aprofundamento e, por fim, tornar-se-ão subsídios à narrativa final. Porém, devemos compreender que existem elementos que o pesquisador deve levar em conta no processo. Le Goff (1990a) propõe a reflexão quando afirma:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 1990a, p. 547).

Fica evidente a questão da seletividade dos documentos sua escrita, mas também cabe pontos levantados por Le Goff (1990a), como o contexto, o lugar e quem produziu a fonte. Estes mesmos elementos são elencados por Luchese (2014) quando os situa como norteadores da análise documental ao pesquisador, adicionando também a finalidade, os interlocutores, informações, opiniões, discursos e elementos discursivos que a fonte apresenta. Quanto à produção, o autor Chartier (1991) explica que as fontes serão marcadas de representações, são interpretações, logo, se cada produtor deixa marcada a sua interpretação do fato, existem diversas versões sobre um mesmo acontecimento, a depender da fonte utilizada e o resultado é a representação do fato pela visão dos sujeitos que a narraram, seja de forma consciente ou não (LE GOFF, 1990a), mas que trará a intenção deste sujeito (CHARTIER, 1991).

Se há marcas a depender da fonte, também não é possível dizer que ela possui uma única verdade, de acordo com o autor Burke (2008), os pesquisadores devem olhar as fontes com cuidado, ao analisar esta “veracidade”. A ausência de verdade absoluta



torna o olhar amplo pois “não há realidade histórica acabada, que se entregaria por si própria ao historiador” (LE GOFF, 1990b, p. 32), porém cabe a atenção que “a busca da verdade e da autenticidade pelos traços que subsistiram do passado deve continuar, porque faz parte de nós e de nossa cultura” (SALIBA, 2009, p. 325), mas tendo o pesquisador, ciência que este caminho não é único, nem produzido por um ponto de vista, como uma árvore que se ramifica, devem ser elencadas as diversas “verdades” do objeto investigado.

Em se tratando das questões ligadas à veracidade, é preciso tomar cuidado com a visão positivista na pesquisa documental, que ainda se encontra muito presente nos estudos da área, da qual os documentos são levados à supremacia e à veracidade por si só (TOLEDO; GIMENEZ, 2012). É o caso das pesquisas mais antigas, ligadas ao paradigma tradicional com base na descrição de fatos e investigações ligadas à História Política (BURKE, 1992), sobre sujeitos influentes, fatos marcantes, que não abordavam situações comuns do cotidiano, do social, entre tantos outros elementos antes não investigados. Porém, o compromisso com a verdade permanece, mas agora voltando-se a uma compreensão diferenciada.

A história a partir dos documentos, sob a História Cultural, conforme apontado por Le Goff (1990a), deve ser vista do plural, pois muitas são as histórias, entre elas a história administrativa, política, biográfica, intelectual, religiosa e econômica. Sendo que a produção discursiva resultante da investigação destas histórias mostram o caráter multifacetado da investigação (NUNES; CARVALHO, 1993) e estes elementos devem ser interligados para a compreensão dos fatos, o que também reafirma a característica atual da História Cultural e seu diálogo interdisciplinar (LE GOFF, 1990b), iniciada pelas ideias manejadas por Lucien Febvre ainda na emergência dos *Annales*.

Outro ponto fundamental de discussão, em se tratando da História Cultural, é a problematização, elemento que se tornou uma marca das pesquisas da abordagem. De acordo com Febvre (1989, p. 31) o questionamento se torna necessário porque “se não há problemas, não há história” (FEBVRE, 1989, p. 31), explicado pela noção que os registros “não falam por si” (TOLEDO; GIMENEZ, 2012, p. 116), o que, de certa maneira, coloca a proposição de questionar como uma nova forma de fazer história e que vê na antiga uma delimitação ao narrar os acontecimentos, esta questão é claramente evidenciada em *Combates pela história*. A compreensão das várias perspectivas de um fenômeno, então, só é realizada com base nas possibilidades que emergem ao pesquisador problematizar as fontes, ou como explica Farge (2009, p. 19)



“sua história existe apenas no momento em que são confrontados com certo tipo de indagações, e não no momento em que são recolhidos...”, mostrando a importância da problematização ao realizar a investigação sob esta ótica. Essa problematização é elencada através de inúmeros termos entre os pesquisadores, como “criticidade”, “questionamento” e “críticas”. A autora Saliba (2009) explica que ao falar em “análise documental” já seria esta uma forma sofisticada de explicar a “crítica das fontes”, apesar de compreender sua acepção, observa-se que a análise documental estaria direcionada à reelaboração do documento, não só pela problematização, mas na sua construção, de forma ampla para utilizá-lo como fonte de pesquisa, ademais, a utilização dos termos não é consensual e também depende das áreas e abordagens. Independente do termo, ainda em se tratando da problematização, o autor Le Goff (1990a) sinaliza que

É preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as suas lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos (LE GOFF, 1990a, p. 109).

O que Le Goff (1990a) propõe é a problematização, não só com base no que é dado, mas com vista ao que inexistente, ao que permanece oculto ou nas entrelinhas da pesquisa documental. Diálogos análogos podem ser percebidos com o autor Certeau (1982) quando explica os passos de uma pesquisa, por primeiro isolar um documento, para então desconfigurá-lo e constituir novamente as peças, já Farge (2009, p. 91) explica que “trilha-se uma leitura em meio a fraturas e dispersões, forjam-se perguntas a partir de silêncios e balbucios”. Visões que se encontram de forma sutil ou enfática, mas permanecem constantemente presentes em diversos autores da área e que embasam a continuidade da problematização dos documentos

Por fim, Le Goff (1990a, p. 535) explica que os “materiais da memória” apresentam-se como documentos e monumentos, sendo o primeiro “herança do passado” e o segundo “escolha do pesquisador”, compreende-se, diante destas acepções, que a tomada deles como monumento marca a ação do pesquisador ao realizar a investigação, o que também reafirma o rigor no processo de investigação dos mesmos, não somente pela junção, mas pela necessária inferência e análise já que “todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado” (LE GOFF, 1990a, p. 110).



Desta forma, também cabe pontuar a questão da transcrição e junção de documentos, que se admitidas, advindas da ideia deles como fontes principais e o pesquisador, como um meio “neutro”, transformam o mesmo em um copista ou como pontuado por Saliba (2009, p. 312) “compilador disciplinado de grandes conjuntos documentais e arquivos”, a sua interpretação muito menos deve se resumir à paráfrase (TOLEDO; GIMENEZ, 2012). Logo, é necessário existir a problematização, o confronto de fontes e a interpretação dos documentos, efetivamente há uma atuação direta do pesquisador, o tornando, desta forma, um “mediador”, termo de Gomes e Hansen (2016), sendo um agente que irá ressignificar o que já passou e imprimir nos escritos a sua ideia do ocorrido (GOMES; HANSEN, 2016). A percepção da ação mediadora é primordial para a construção do conhecimento científico que se apoie nas fontes e nos pares e que seguirá diante de uma nova produção pela mediação que o pesquisador fará.

Caminhos possíveis ao realizar a pesquisa documental

Ao longo deste trabalho foram discutidos inúmeros elementos para a reflexão da pesquisa documental com base na História Cultural e diante das discussões produzidas é possível elencar alguns caminhos ao pesquisador, situados como parâmetros para suporte e validação da pesquisa científica documental

- a) diante das perspectivas trazidas pela História Cultural, compreendendo que independente da classificação das fontes, o pesquisador deve ter ciência que existem diferentes graus de inferências, podendo utilizá-las para a análise do *corpus*, porém a seleção das fontes devem ser com vista a auxiliar o pesquisador a responder o problema de pesquisa ao qual ele se propôs;
- b) as fontes devem ser verificadas em vários locais, sendo que a investigação deve ser ampla, mas não a ponto de perder-se do problema de pesquisa. A *internet* facilitou o acesso, mas não deve ser o único meio investigado, tendo o pesquisador a parcimônia entre a temática investigada e a seleção de um *corpus* documental suficiente e amplo sob o ponto de vista da tipologia e do local pesquisado, que responda ao problema proposto, levando em conta o tempo, as disposições do local que pesquisa, cuidado na coleta de documentos, recursos que dispõe para a investigação e a obtenção de uma conclusão satisfatória;



- c) levar em consideração que toda e qualquer pesquisa documental é um processo seletivo. Antes de qualquer inferência do pesquisador há uma seletividade das fontes, seja pela produção e guarda, sobre os quais muitos documentos foram descartados pelas diversas razões e que esta seletividade irá ocorrer novamente pela escolha do pesquisador ao fazer inferências sobre o acervo ou base em que se encontra para compor o *corpus*, de forma a ser visto como “monumento” (LE GOFF, 1990a);
- d) ao organizar os documentos é necessário calma. Essa etapa de organização requer do pesquisador um tempo maior para a leitura dos documentos, análise, seguida de inventário, organização e registro do que foi coletado e do que irá compor o *corpus* de investigação. O que vale pontuar é o cuidado nesta etapa com a análise e leitura acurada para que independente da escolha ao organizar as informações (categorias, agrupamentos, anotações, esquemas, sínteses...) ela seja realizada da melhor forma possível para a recuperação e acesso posterior das informações;
- e) compreender que em cada fonte consultada se encontram as marcas do sujeito que a produziu, independente se realizada de forma consciente ou inconsciente. Dessa forma existem inúmeras versões sobre o mesmo acontecimento a depender do *corpus* consultado, o que impõe ao pesquisador trazer à discussão as diferentes perspectivas que o objeto assume, o que também enriquecerá a discussão final, ademais, mesmo as lacunas e entrelinhas dos documentos devem entrar nesta compreensão;
- f) tendo em vista que a produção é uma interpretação do produtor sobre o objeto investigado, emerge a veracidade ou verdade absoluta assumida por alguns pesquisadores ao investigar os documentos. Ela deve ser deixada de lado, como a verdade não é dada conforme pontuado por Le Goff (1990b), será através da verificação e do confronto entre as fontes que será possível a produção de um conhecimento do objeto que não assuma uma única linha, mas que possa trazer os diversos elementos de cada fonte para que sejam elencadas as possibilidades que emergem ou não dos vestígios investigados, expondo “as verdades”;
- g) se torna também necessário o distanciamento do pesquisador de uma visão positivista ao assumir esta forma de investigação, devendo a produção partir de uma visão no plural, que traga os vestígios das várias histórias ligadas ao



- contexto e que desta conexão surjam indícios para a produção de um conhecimento que compreenda o fenômeno investigado;
- h) a problematização do *corpus* documental deve ser realizada pelo pesquisador e independente do termo utilizado, ao debruçar-se e questionar o documento, a compreensão do objeto é realizada de forma mais efetiva. O questionamento deve ser feito com base no que está posto e no que não está, e o resultado da sua pesquisa deve ser apoiado na desconstrução e conversa crítica com o *corpus*, confronto e diálogo com outras fontes;
- i) a posição que o pesquisador assume ao problematizar, confrontar e interpretar os documentos fará dele um mediador e não um copista de documentos, agente que com a História Cultural constrói e ressignifica o objeto pesquisado. Ele deve ter a ciência que a sua marca fará parte do resultado da investigação, produzida a partir dele, das fontes documentais e dos pares.

Através da “nova” História Cultural foi possível ampliar o campo de pesquisa e analisar os fatos e objetos de diversas formas, a conceituação ampla de documento advinda de diversas áreas também admitida agora pela História Cultural trouxe infinitas possibilidades, porém de forma concomitante emergem obstáculos aos pesquisadores, que devem assumir fundamentos e cuidados para a realização deste tipo de investigação, porém é preciso fazer jus às questões que ao mesmo tempo se tornam difíceis na pesquisa documental sob a perspectiva da História Cultural também fazem com que a mesma se torne rica, pois agregam infinitas possibilidades de análises.

Os elementos listados como “caminhos possíveis” podem servir como parâmetros para a validação do conhecimento científico, porém, não limitam a discussão, e sim são algumas das possibilidades que o pesquisador pode optar no trajeto de investigação percorrido. O rigor é necessário para que as fontes sejam selecionadas, investigadas e tratadas de forma a produzir conhecimento científico qualificado e suportado pelos pares, assim, as discussões produzidas visam dar aporte nesse caminho.

Cada produção utilizada para a discussão, trouxe um ponto de vista que deve ser considerado dentro do contexto e período em que foi realizado, nesse sentido, vê-se um constante deslocamento e refinamento das ideias dos autores ao longo das décadas, que calcados em produções de interessados e pesquisadores que emergiam na área, construíram, expandiram noções, conceitos, modos e afazeres ao realizar a investigação documental sob a ótica da História Cultural. A incorporação e solidificação de alguns deles, permaneceram como marcas da investigação proposta na atualidade e traduziu-se



aqui pelos “caminhos” listados até então. Porém, percebe-se que as discussões devem permanecer, e carecem sobretudo de diálogos análogos ao proposto para a concretização das pesquisas na área.

Considerações finais

Com o objetivo de contribuir com a temática e produzir reflexões sobre investigações documentais realizadas pela História Cultural, nesse trabalho, foram realizadas discussões sobre o conceito e importância dos documentos, o desenvolvimento da abordagem supracitada, a trajetória de realização em pesquisas documentais e elementos que dela emergem, para, pôr fim, mostrar possíveis caminhos, sob essa ótica, para a realização das pesquisas.

Das discussões realizadas ao longo do trabalho, elencadas como “caminhos”, é possível concluir que a seleção de fontes deve ser com base no problema de pesquisa; a investigação deve ser ampla, mas também focada; a seletividade é um componente que estará presente em toda e qualquer pesquisa documental; o pesquisador deve expor as diversas facetas do objeto investigado; cabe também o abandono da veracidade e supremacia documental; o resultado da pesquisa deve trazer elementos que mostrem uma visão no plural, em diálogo com o contexto e com outros elementos para a compreensão do fato ou fenômeno investigado; também, para ser uma pesquisa científica sólida e como característica marcante, é necessário a problematização do *corpus*; e, por fim, o último elemento exposto foi a ciência do pesquisador e de sua ação mediadora na pesquisa.

As reflexões produzidas não esgotam os elementos que emergem ao realizar uma pesquisa documental em consonância com a História Cultural, além dos caminhos possíveis para a pesquisa, o diálogo desta temática é profícuo e deve se estender para que a produção do conhecimento científico utilizando documentos ganhe mais espaço e utilize pressupostos teórico-metodológicos sólidos que o suportem e o validem no meio acadêmico.

Por fim, o autor Le Goff (1990b) expõe como tarefa para a “história nova” criar uma concepção renovada de documento e é, por meio desta reflexão, que encerra-se a discussão deste trabalho. Passados trinta anos da sua escrita, a forma que o documento é selecionado, tratado, utilizado pelos pesquisadores em suas investigações se renova constantemente, sendo ocasionado pela permanente discussão de pesquisadores da área,

esse diálogo deve permanecer, a fim de que cada vez a noção de documento amplie, emergindo parâmetros para a realização da pesquisa, amparada pelos pares e renovada com o tempo.

Data de Submissão: 23/04/2020

Data de Aceite: 17/07/2020





Referências Bibliográficas

- BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: EdUNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. et. al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. As práticas da história. *In*: CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 5, n. 11, p.173-191. Jan./abr. 1991. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2019.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.
- GOMES, Angela Maria de Castro e HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Angela Maria de Castro e HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. UNICAMP, 1990a.
- LE GOFF, Jacques. A história nova. *In*: LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990b. p. 25-64.
- LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **His. Educ.** 2014, v. 18, n. 43, p. 145-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v18n43/09.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.



NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, São Paulo, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 22 abr. 2020.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cad. ANPED**, Caxambu, p.7-64, 13-17 set. 1992. Trabalho apresentado na 15ª reunião anual da ANPED. Porto Alegre: 1993. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/caderno_anped_no.5_set_1993.pdf. Acesso em: 06 jun. 2019.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática**. Tradução de Taiguara Villela Aldabalde et al. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32627/1/LIVROTratadoDeDocumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

REVEL, Jacques. Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica. *In*: REVEL, Jacques. **Proposições**. Ensaios de História e Historiografia. Rio de Janeiro: edUERJ, 2009.

SALIBA, Elias Thomé. Pequena história do documento. Aventuras modernas e as desventuras pós-modernas *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 309-328.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; GIMENEZ, José Carlos. Educação e Pesquisa: fontes e documentos. *In*: CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha (org.). **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Alínea, 2012. p. 109-126.